

**VASP — A única empresa aérea a servir todos os Estados Brasileiros.**

# Índios podem ter sido mortos por traficantes

BRASÍLIA — As primeiras investigações feitas pelo governo apontam a ação de quadrilhas de narcotráfico e de contrabando de peles de animais como responsáveis pelo massacre de 14 índios Tikuna, em Benjamin Constant, na fronteira do Brasil com a Colômbia. O ministro-chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), general Ivan de Souza Mendes, que mantém o presidente José Sarney informado sobre o episódio, admitiu, ontem, a possibilidade de a chacina no Alto Solimões ter sido consequência de interesses contrariados de quadrilhas que operam na região.

Mais um corpo foi encontrado ontem, somando-se a outros três. Mais dez, de acordo com os próprios índios e funcionários do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), ligado à CNBB, em Benjamin Constant, foram mortos e atirados no rio. Segundo João Pacheco, que trabalha no CIMI, 17 feridos ainda estão no hospital, alguns em estado grave. Algumas crianças que desaparecidas foram estavam encontradas. Elas haviam se refugiado na mata e reapareceram em estado de choque.

O clima na região é muito tenso. O mandante da chacina, Oscar Castelo Branco, e seus homens encontram-se detidos na delegacia da Polícia Federal, onde prestam depoimento. A preocupação dos índios e dos missionários é a de que se confirmem as notícias de que todos eles serão liberados após os depoimentos. Nesse caso, assinala o CIMI, as consequências são imprevisíveis, devido à revolta dos Tikuna, que querem a punição dos criminosos.

## Disputa de terras

O delegado da Polícia Federal em Tabatinga, Ari Marinho de Oliveira, responsável pelo inquérito instaurado para apurar a chacina dos índios, na boca do Igarapé Capacete, próximo da área indígena de São Leopoldo, no município de Benja-

mim Constante, atribuiu a causa do conflito à indefinição dos órgãos responsáveis pela demarcação das terras dos índios Tikuna.

Segundo o delegado, participaram do massacre 14 pessoas da comunidade civil que se instalou na área dos Tikuna, lideradas pelo madeireiro Oscar Castelo Branco. "Não houve flagrante, pois soubemos dos assassinatos. Os implicados estão sob a custódia da Polícia Federal". Outros 27 índios, de acordo com Marinho, foram feridos a bala. A maioria está internada no hospital de Tabatinga, e alguns podem morrer.

Com base nos dados já obtidos no inquérito policial que conduz, o delegado Ari Marinho revelou que cerca de 100 índios esperavam, desde as 8h do dia 28 (segunda-feira), na boca do Igarapé Capacete, advogados da Funai e do Inera e autoridades da Polícia Militar de Benjamin Constant. Além do capitão da tribo Tikuna, que trariam notícias sobre a morte de um boi pertencente aos Tikuna, dez dias antes do massacre. A morte do boi foi interpretada pelos índios como uma provocação de Oscar Castelo Branco e seus liderados.

Preocupados com a presença de grande número de índios próximos ao local onde habitam, quatorze homens armados se esconderam na mata próxima do Igarapé Capacete. Dois, segundo o delegado, foram falar, às 13h, com os índios. Em dado momento, um deles, garoto de 14 anos, disparou um tiro e abateu um índio. Vários Tikuna, desarmados, avançaram sobre o garoto, que fugiu. Conseguiram alcançar, no entanto, o adulto que o acompanhava. Tomaram-lhe a arma e a quebraram. Neste momento, os demais homens escondidos começaram a atirar indiscriminadamente, inclusive em direção às mulheres e crianças Tikuna. A tribo fugiu em Canoas, mas 14 índios foram alvejados fatalmente.